

**"JAMAIS SEREI SEU FILHO E VOCÊ SEMPRE SERÁ MEU PAI", DE THIAGO
SOUZA DE SOUZA:
A JORNADA DO LUTO**

Mariana Soletti da Silva¹

(E então, agonizado, despachei o último paciente cinco minutos mais cedo, me servi um copo de uísque sem gelo, tomei de um só gole, escrevi um bilhete com algumas instruções, abri a janela do consultório e me atirei. Foi só um sonho, daqueles que a gente acorda num pulo antes de tocar o chão, antes do impacto. Nos sonhos a gente acorda quando morre. Na vida, não sei o que acontece quando a gente morre, mas quando além que a gente ama morre, nós é que parecemos entrar num sono profundo do qual é muito difícil sair)

(SOUZA DE SOUZA, 2022, p. 92).

A função da fantasia, em nossa psique, é proporcionar o prazer que um desejo negado ou suprimido já não nos proporciona mais. Sigmund Freud a entenderia até mesmo como o retorno do reprimido, cujo conteúdo caberia à análise desenredar. O luto, "a reação à perda de uma pessoa querida" (FREUD, 2022, p. 101) ou a qualquer objeto que se crê perdido, reside no "grandioso empobrecimento do Eu": o mundo torna-se vazio, falta uma perspectiva que o faça levantar todos os dias da cama (FREUD, 2022, p. 103).

Thiago Souza de Souza faz uma sólida estreia na literatura sul-rio-grandense. "Jamais serei seu filho e você sempre será meu pai" foi publicado pela Editora Taverna em 2021. Ganhador do Prêmio Jacarandá como "Livro do Ano" de 2022, o enredo acompanha a história de um homem que perdeu o pai aos três anos de idade, em um acidente médico – um remédio mal administrado por uma enfermeira que, depois, seria procurada pelo filho órfão. Como mecanismo de defesa, esse mesmo filho começa a escrever cartas ao pai morto e as mostra ao seu psiquiatra, que estimula, durante a narrativa, a "vitória" sobre os sintomas. A imaginação do protagonista cria um mundo à parte, em que tanto ele cobra o pai por seus erros em vida quanto o pai os justifica e instiga o filho a procurar um propósito maior na sua vida, uma história para chamar de sua. A presença desse pai através da materialização criada pelo próprio filho serve "para estabelecer uma *identificação* do Eu com o objeto abandonado"

¹ Doutoranda em Teoria da Literatura - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Pesquisa a literatura anglo-brasileira no século XXI junto à linha de pesquisa Literatura, História e Memória.

(FREUD, 2022, p. 107) – ou seja, ele é o seu pai, haja vista que, quando o pai morreu, muito que era dele foi embora também.

Essa identificação é o que sustenta a pertinência de o psiquiatra pedir os exercícios a Gustavo, para que este perceba como a ideia do seu pai é fabulada. Fora das correspondências, ele mesmo questiona-se se "(a culpa é minha? Será que posso ser o culpado? Não da morte dele, mas de todas as coisas serem assim, como são)" (SOUZA, 2021, p. 37). De certa maneira, o inconsciente dele emerge pelo fato de ele ser aquele quem produz *o sintoma*, as cartas e a materialização do pai.

A satisfação ilusória que isso proporciona ao paciente demonstra a Gustavo, o terapeuta, a necessidade de continuar com esse processo de interpretação até que o protagonista receba todas as respostas que quer – isto é, as respostas que só ele pode dar a si mesmo. A carta, afinal, traz a presença daquele que não está perto como material, através do papel.

No mesmo sentido construtivo, o conceito de corporalidade, tão caro a teóricos como Michel Foucault (1992) e Regina Kohlrausch (2015), reaparece: é através das coisas ditas que o escritor constitui a sua própria identidade, feito uma aparição ou emanção de uma entidade espiritual – o autor chega a utilizar a palavra "alma" (FOUCAULT, 1992, p. 142). Regina Kohlrausch (2015) entende que a carta é uma manifestação de si próprio aos outros - uma substituição factível da presença e respeitosa, como o corpo, do tempo.

No entanto, essa relação pressupõe reciprocidade: enquanto há a construção de uma "abertura de si", se espera que o outro responda à investida (KOHLRAUSCH, 2015, p. 150). É justamente nessa espera que reside o trabalho de luto do protagonista de "Jamais serei seu filho e você sempre será meu pai". A resposta do pai nunca virá, portanto, cabe ao filho fabular quais seriam as réplicas, de forma que é o pai quem faz parte de suas sessões de terapia:

(...) meu pai estava ocupando minha terapia e chorando ao contar detalhes que por esses anos todos permaneceram inacessíveis para mim, só me restando imaginá-los, e assim eu fiz, imaginei e imaginei, era tudo o que eu tinha, você sabe, a imaginação (SOUZA DE SOUZA, 2022, p. 180-181).

Afinal, isso é o que Roland Barthes, em *Fragments d'un discours amoureux*, explicita no seguinte fragmento: "<< Suis-je amoureux? - Oui, puisque j'attends.>> (...) L'identité fatale de l'amoureux n'est rien d'autre que: Je suis celui qui attend"² (BARTHES, 1999, Loc. 340 *segundo o Kindle*). A resposta pela carta, mesmo que fictícia, é responsável pela resposta

² "Sou eu apaixonado? Sim, porque espero. (...) A identidade inevitável de um apaixonado nada mais é do que: Sou aquele que espera" [tradução nossa].

positiva ao tratamento proposto por Gustavo. Mais do que isso, Barthes (1999) expõe um luto antecipatório que já conta com uma angústia: todos os que amam têm medo de perder o objeto amado. No caso de *Jamais serei seu filho*, esse luto, de fato, está sendo vivido. No entanto, corrobora a ideia do teórico de a angústia ser imprescindível no discurso amoroso.

l'angoisse d'amour: elle est la **craint d'un deuil qui a déjà eu lieu**, dès l'origine d'amour, dès le moment où j'ai été ravi, il faudrait que quequ'un puisse me dire: <<Ne soyez plus angoissé, vous l'avez déjà perdu(e).>> (BARTHES, 1999, Loc. 202 *segundo o Kindle, grifo nosso*).³

Nos exercícios, vemos uma criança desesperada antes de uma apresentação no Dia dos Pais (“Putá que pariu, era o que eu gostaria de dizer a todos” (SOUZA DE SOUZA, 2022, p. 70), as reverberações da perda em seus relacionamentos amorosos futuros (“Essa mulher ao seu lado, eu a conheço. Pela voz. Ela é bonita, eu sei que é. Sei que você gosta dela. Por isso, tome cuidado. (SOUZA DE SOUZA, 2022, p. 125), e as cobranças pela criação e o afeto da mãe (“Talvez minha mãe tenha acreditado estar sozinha como eu” (SOUZA DE SOUZA, 2022, p. 82).

O mais interessante é que o “chão” desta fantasia reside justamente num trauma de infância, o que corrobora a teoria freudiana da leitura subjetiva da realidade dos fatos (a premissa de “eu crio a minha própria realidade” – por mais que o trauma não tenha cunho sexual).

“Jamais serei seu filho” está assustadoramente próximo da perda de consciência que nos acomete no luto; na tentativa desesperada de encontrar o morto, acabamos encontrando nós mesmos em um novo mundo. De certa forma, o protagonista é o pai, através da linguagem.

Isso está claro para o narrador, pois

A história de uma morte nunca é só uma história: são sobreposições que se acumulam e formam um tecido narrativo parecido com o das lendas. A história de uma morte nunca pode ser narrada por uma só voz: são os múltiplos pontos de vista que embaralham e ressignificam a vida de quem morreu. O engraçado é que todas essas vozes vão chegar ao mesmo lugar: na morte. Nenhuma delas vai devolver a vida do meu pai, acredite (SOUZA DE SOUZA, 2022, p. 145).

E é justamente a percepção da própria fantasia que termina o livro: a cabeça cumpre o seu propósito no momento em que se percebe que é ela a criadora das histórias. Sendo assim, o pai pode finalmente morrer, e o narrador resigna-se à uma máxima psicanalítica que resume *Jamais serei seu filho*: “O que nos distingue é o mesmo que nos aproxima: é tentar dizer mas jamais conseguir” (SOUZA DE SOUZA, 2022, p. 25).

³ “(...) a angústia do amor: é o medo de um luto já ocorrido, desde a origem do amor, desde o momento em que alguém se encanta, deve-se dizer: ‘Não se preocupe, você já o(a) perdeu’” [tradução nossa].

Referências

- BARTHES, Roland. **Fragments d'un discours amoureux**. Paris: Seuil, 1999.
- FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: **O que é um autor?** Lisboa: Passagens. 1992. pp. 129-160.
- FREUD, Sigmund. **Neurose, Psicose, Perversão**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.
- KOHLRAUSCH, Regina. Gênero epistolar: a carta na literatura, a literatura na carta. In: **LETRÔNICA**. Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS Porto Alegre, v. 8, n. 1, p. 148-155, janeiro-junho 2015.
- SOUZA, Thiago Souza de. **Jamais serei seu filho e você sempre será meu pai**. Porto Alegre: Editora Taverna, 2021.

Recebido em: 09/01/2023; **Aceito em:** 04/09/2023.